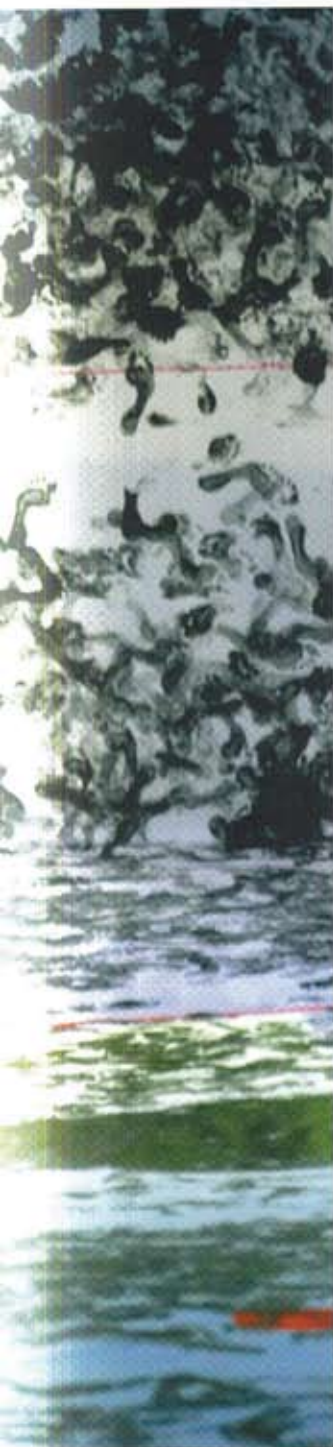


Joana Bastos



É engraçado que desta vez parece que fui ajudado pelo facto de não ter feito o que devia. O que, neste caso, é o mesmo que dizer que devia ter tido o cuidado de, como é hábito, ter escrito este texto imediatamente a seguir à conversa que travei com a Joana. Por impedimentos de diversas etiologias, tal não aconteceu. E o resultado, como não seria de esperar... foi um espanto! É que tanto a Joana como o seu trabalho ganharam como que uma maturidade na minha interpretação de ambos que só veio ajudar a exprimir a mensagem que quero transmitir quando aprecio algo. Ainda não tive oportunidade de rever a Joana mas já voltei a contactar com alguns dos seus trabalhos o que me ajudou bastante a cimentar o impacto das primeiras impressões.

À partida, e devo dizê-lo sem rodeios, o primeiro contacto com a Joana Bastos e com a sua arte foi um momento de grande empatia e ocorreu simultaneamente já que não tinha tido ainda o prazer de conhecer uma das mais ilustres bodyboarders portuguesas nem conhecia nenhum dos seus trabalhos.

De uma forma simples e muito amável a Joana cedeu-nos algum do seu tempo numa vinda a Portugal para apresentar parte do seu trabalho numa exposição que esteve patente na galeria WAY OF ARTS, no Estoril.

Natural de Lisboa, a Joana cedo se relacionou com a pintura. Aliás, sem que na altura isso fosse um verdadeiro objectivo de vida, reconhece hoje que no seu subconsciente já sabia que o futuro passaria pelas artes. Entretanto dá-se o debute no mar e após as primeiras experiências com o bodyboard, aos doze anos, rapidamente se entusiasma e inicia uma carreira de competidora que tem o seu plateau logo aos dezasseis anos quando conquista o primeiro de dois títulos de campeã nacional da modalidade.

Simultaneamente afina-se na aproximação às artes e acaba por frequentar um curso de pintura no Instituto de Artes e Oficinas da Universidade Autónoma de Lisboa, curso esse que acabaria por ser mais um catalisador para a entrada na Faculdade de Belas Artes de Lisboa para a frequência do Curso de Pintura. Em 2004 termina a licenciatura após uma passagem de 1 ano pela Faculdade de Belas Artes de Granada

no âmbito de uma bolsa adquirida para o programa Erasmus. Em Espanha, aproveitou a estadia próxima à estância de Sierra Nevada para se aperfeiçoar na arte de surfar na neve. Como em tudo o que se propõe fazer teve que ser das melhores e, já em Portugal, conquistou uma importante vitória numa prova de snowboard organizada pela Associação Snowboard Portugal.


Terminada a licenciatura, frequenta ainda um curso de pintura na ArCo.

Entretanto, e ainda nos tempos de estudante, inicia uma série de exposições, individuais e colectivas, contando actualmente no currículo com mais de uma dúzia de oportunidades que teve para apresentar o seu trabalho tanto em Portugal como em vários países europeus.

O gosto pela arte e o profissionalismo têm-se desenvolvido de forma consistente e, com eles, foi surgindo uma tomada de consciência e de coragem em experimentar novos campos da arte e novas formas de expressão.

Exemplo disso é esta sua mais recente exposição em Portugal em que, para além de obras de pintura convencional em que a suavidade do jogo de cores me entusiasmou particularmente, a Joana apresentou alguns trabalhos de arte conceptual no que parece ser o seu sentido mais puro: o som pelo som ou a pintura pelo som. Em ambos os casos a artista responde com reacções espontâneas e portanto livres, tanto quanto possível, da intervenção da técnica conseguida pela aprendizagem e treino, a uma série de estímulos sonoros. No primeiro caso o resultado é uma tela de "desenho em performance" que testemunha pelas marcas deixadas pelos pés pintados numa tela, um passeio interpretativo e extemporâneo, e por isso mesmo inimitável, do som Hip-hop da música de Duarte Leandro.

Como exemplo de um processo criativo alternativo a Joana vai mais longe e apresenta-nos um CD de doze faixas gravadas em que cada uma é uma resposta sonora "pronta" a um estímulo, também ele sonoro, que reflecte o mais puro dos pensamentos consequentes a algo – a reacção imediata não trabalhada ou preparada: a sua interpretação em tempo real dos sons ouvidos.



"...actualmente a viver em Londres por razões profissionais, a Joana sente alguma distância do seu habitat inspirador: o mar e a presença de personagens que vivem perto de e para ele..."

Com este tipo de trabalho a artista pretende explorar a dicotomia entre o espontâneo e o racional que representam bem a sua forma de encarar a própria existência: viver espontaneamente mas com algum cuidado no que toca a preparar o futuro. Descreve parte do seu trabalho como "...meditação, reflexão e concentração..." de que serve de exemplo a escolha dos materiais onde se pinta ou o ritmo das músicas que se ouve, versus "impulso, espontaneidade, explosão". O resultado é, no mínimo, e na modesta opinião de um não conhecedor, genial.

Actualmente a viver em Londres por razões profissionais, a Joana sente alguma distância do seu habitat inspirador: o mar e a presença de personagens que vivem perto de e para ele. Alguns dos seus quadros mais convencionais, apesar de não terem alusões directas aos oceanos, remetem-nos em tudo, para um ambiente claro, tranquilo e doce, interrompido por alguns apontamentos de cores fortes.

Enquanto está em Inglaterra, o skate vai fazendo as vezes de prancha, e a ausência do bodyboard e snowboard vão sendo substituídas provisoriamente pela busca de novos conhecimentos de arte (actualmente a Joana está a frequentar um Workshop na Tate Modern e um curso de gravura na London College of Communication) e oportunidades para expor o seu trabalho.

Ps: aproveitamos para aconselhar a visita à WAY OF ARTS. Um espaço agradável onde se pretende, parece-nos que com sucesso, tratar a arte em diversas frentes – restauro, galeria e gestão de património. Ideal para nos cultivarmos na pós-surf de uma tarde de Inverno.

© JC 2006